

De catador para CATADOR!

Edição Estado de São Paulo

Jornal do Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável (MNCR)

Circulação no Estado de São Paulo - Ano I - número 1 - Novembro de 2009 - Setor de Comunicação do MNCR www.mncr.org.br

Incineração não é solução. Reciclar é preciso!

Lobby de multinacionais quer convencer municípios a investir em método de tratamento de resíduos poluidor

O MNCR está atento a uma nova tendência que pode acabar com o trabalho das organizações e retirar o ganha-pão dos(as) catadores(as). Debatida há anos pelo poder público e por ambientalistas, a incineração de materiais vem sendo colocada como alternativa de tratamento do lixo com uma nova roupagem. A justificativa é que a queima do lixo pode gerar energia.

Por meio de um Lobby de empresas multinacionais estrangeiras, da Alemanha e França, muitos municípios têm estudado o processo de incineração como forma de acabar com os aterros sanitários. Na cidade de São Paulo, maior município do Brasil, o interesse é grande, pois os aterros existentes e estão todos esgotados. A queima do lixo tem sido apoiada também pelo Governo Federal, principalmente os Ministérios das Cidades, que têm indicado esse método para os municípios, além do Ministério de Minas e Energia. No entanto, a queima do lixo continua sendo tão perigosa e nociva como antes.

A incineração emite dezenas de gases no ar que comprometem a saúde humana, entre os quais está o furano, composto tóxico



Catadores coletam 90% de tudo que é reciclado no Brasil

e cancerígeno, além de dioxinas, metais pesados, geração de cinzas tóxicas que requerem remediação, entre outros gases tóxicos.

Em artigo recente, a pesquisadora canadense Jutta Gutberlet, da Universidade de Victória, analisou o uso do método de incineração em diversas partes do mundo. Sua pesquisa esclarece que a incineração é um dos últimos recursos usados na gestão dos resíduos dentro da Comunidade Econômica Européia. “A hierarquia na gestão dos resíduos sólidos se baseia na seguinte ordem: 1.) evitar, 2.)

reusar, 3.) reciclar, 4.) recuperar a energia [com a incineração], e por fim 5.) aterrar”, destaca a pesquisa, contudo chama atenção para a tendência de incinerar o resíduo ao invés de reciclar.

“Como a demanda para a geração de energia é crescente, observa-se uma tentação de queimar não apenas o lixo ‘ainda’ não reciclável, mas também o material já separado nos domicílios para a reciclagem. Conforme depoimento de um funcionário público em Frankfurt, na Alemanha, o governo local adquiriu um incinerador com

capacidade além do necessário, ou seja, a população não gera suficiente quantidade de resíduos domésticos não recicláveis para alimentar a usina e a geração de energia. Consequentemente, nesta usina incinera-se também o material reciclável”, revela Gutberlet.

No Brasil, onde não é comum nem sequer o tratamento adequado do resíduo, 60% é tratado de forma inadequada e a reciclagem tem grandes chances de ser colocada em último lugar. Além disso, segundo pesquisas realizadas em parceria com o Ministério de Minas e Energia, para produzir a geração de energia com a incineração é necessário queimar, também, os resíduos recicláveis, principalmente plásticos e papel, para atingir a temperatura adequada à geração de energia. Além disso, o investimento em uma usina que possa gerar energia com o lixo é altíssimo.

A queima dos resíduos, além de nocivo para o ser humano, é também contra a opção de geração de renda para os mais pobres, pois queima matéria prima que pode gerar trabalho e movimentar a economia.

Editorial

Encontro da Coordenação

A Coordenação Estadual do MNCR no Estado de São Paulo esteve reunida no Espaço de Formação Roseli Nunes na cidade de São Paulo. O Encontro teve como pautas a crise econômica internacional e a luta por direitos no Estado.

No primeiro dia do encontro aconteceu um seminário em parceria com o Projeto Coleta Seletiva Brasil-Canadá em que estiveram presentes Jorge Kayano, pesquisador do Instituto Polis, Minoru Kodama, economista, além de Fabio Cardoso como mediador discutindo a crise econômica e os efeitos e alternativas para os catadores.

No período da tarde Elizabeth Grimberg, socióloga do Instituto Polis, falou sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Foi debatido as propostas de alterações no projeto lei e suas implicações junto aos catadores de todo o Brasil.

O representante Igor Felipe Santos falou em nome do MST (Movimento dos Sem Terra) sobre a luta do movimento no campo, os embates políticos, trajetória e conquistas do MST. Falou ainda as distorções de fatos veiculados pela grande mídia em favor da burguesia, além na necessidade de unificar as lutas dos movimentos sociais e por em prática a solidariedade de classe

citando como exemplos a Assembléia Popular, Coordenação de Movimentos Sociais (CMS), Via Campesina entre outros, como espaços de articulação de movimentos sociais.

A arquiteta Mariana Fix falou sobre o constante processo de exclusão dos pobres nos grandes centros urbanos buscando um dialogo sobre qual a lógica de planejamento das cidades em prática hoje em todo o Brasil citando o exemplo recente de processos de expulsão de pobres do centro de São Paulo e ações do inicio do século feitas na cidade do Rio de Janeiro.

As palestras e debates realizados na sexta-feira serviram de subsidio para o planejamento Estadual no sábado, dia 14. Após a exibição do vídeo documentário “A Margem do Lixo”, de Evaldo Mocarzel, os catadores iniciaram um debate sobre a atividade da catação, suas dificuldades, avanços e desafios. A atividade durou toda a tarde de sábado e resultou na elaboração de um plano de ação a ser executado por uma comissão de representantes eleita em plenário no final do encontro.

Estiveram presentes no encontro da Coordenação Estadual do MNCR cerca de 50 delegados representantes dos 10 Comitês Regionais do MNCR espalhados por todo o Estado de São Paulo.

Informes:

Edital

A FUNASA, Fundação Nacional de Saúde, lançou edital de apoio a cooperativas e associações de catadores para a implantação, ampliação ou melhoria de unidades de triagem de resíduos sólidos. Podem concorrer ao edital OCIPS e Prefeituras e o prazo para entrega dos projetos é 20 de Outubro. Mais informações poderão ser obtidas no sitio da Funasa (www.funasa.gov.br), pelo telefone (61) 3314.6622 ou no endereço eletrônico apoioaocatadores@funasa.gov.br.

Cadastro Nacional

Mais uma conquista vem reforçar a organização dos catadores. Foi entregue o sistema de banco de dados do Cadastro Nacional de Bases do MNCR. O Sistema, desenvolvido pela Itaipu, irá reunir informações das bases do movimento em todo o Brasil pela internet.

Carrinhos elétricos

Já estão a venda os carrinhos elétricos para catadores, uma parceria com Itaípu Binacional que visa melhorar as condições de trabalho dos catadores. Agora é preciso a parceria com prefeitura para financiar os carrinhos.

Mais informações: www.blest.com.br

cooperação:



Representação no Brasil

execução:



Iniciativa e direção:



realização:

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome



Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste jornal, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste jornal não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.

Expediente

Redação: Renata Bessi

Jornalista responsável: Davi Amorim Mtb. 48.215/SP

Fotografias: Arquivo MNCR

Produção e diagramação: Setor de comunicação MNCR

Revisão: Janaina Behling

Tiragem: 50 mil exemplares

Entre em contato: e-mail: contato@mncr.org.br

Sede Nacional MNCR - rua Vegueiro, 2.551 Vila Mariana, São Paulo - SP CEP 04101-200

(11) 3399-3475 / 3341-0964 e-mail: secretarianacional@mncr.org.br

www.mncr.org.br

Esta publicação foi produzida no âmbito do projeto 914BRA3026 - Gestão da Política de Segurança Alimentar, Desenvolvimento Local e Combate à Pobreza - em cooperação com a UNESCO

De Catador para Catador é um veículo do MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, uma produção do setor de comunicação do MNCR e do conselho editorial formado por catadores das cinco regiões do país.



A luta dos catadores e catadoras em Ourinhos

Foram meses de luta, e em muitas situações, de desespero, até que os(as) catadores(as) da Associação Recicla Ourinhos pudessem sonhar com um futuro de trabalho digno na catação. Com o eminente fechamento do lixão da cidade os(as) catadores(as) viram seu trabalho ameaçado. Somado à crise econômica internacional e à incerteza em relação a permanência do trabalho no lixão, muitos(as) catadores(as) abandonaram a associação. Hoje, contudo, com o retorno de muitos cooperados, a associação já tem garantia de contratação pela Prefeitura local em 2010 e o pagamento de R\$ 0,65 por tonelada de material reciclável recuperado.

Para chegar à situação atual foram muitos conflitos. Em Janeiro de 2009, auge da crise econômica, uma notificação do Ministério do Trabalho (MTE) pedia esclarecimentos da Prefeitura e da Associação sobre a atividade dos(as) catadores(as) que trabalham há 17 anos dentro do lixão da cidade. Em Ourinhos, a parceria com o poder público é precária e os equipamentos da usina de triagem estão deteriorados, além de faltar transporte e um programa efetivo de coleta seletiva. “Ainda não saímos do lixão porque nossa renda depende totalmente dos materiais recicláveis coletados nele”, disse Matilde Ramos, representante da Associação e membro do MNCR. Apenas 30% da coleta realizada pela Associação é feita diretamente nas residências, 70% da renda obtida pelos(as) catadores(as) é retirada na coleta de materiais dentro do lixão, trabalho realizado em condições precárias e sem perspectivas para o aumento de sua renda.

Os materiais são retirados do lixão e levados para a usina de triagem, onde fica a sede da Associação que tem 43 catadores, dos quais 20 deles trabalham todos os dias no lixão. “Nós colocamos para ele (técnico do MTE) que o único documento que temos em mãos era o comodato ou o contrato

de uso do espaço da usina de triagem”, disse a companheira Matilde.

Ela ressaltou que, apesar da necessidade de adequação de exigências trabalhistas e ambientais solicitada pelo MTE, os(as) catadores(as) não podem parar suas atividades nem por um dia.

Segundo informou o técnico do Trabalho aos advogados da prefeitura, os(as) catadores(as) daquela área são explorados socialmente e não têm condições nenhuma de trabalho, uma vez que faltam itens, como Equipamento de Proteção Individual (EPI), refeitório, sanitários e demais infraestrutura para continuar trabalhando. O fiscal estabeleceu um prazo para que a Prefeitura apresente proposta de adequação do espaço e melhores condições de trabalho, assim como a remuneração aos(as) catadores(as) pelos serviços prestados para o poder público.

Em audiência com o Ministério Público do Trabalho, a Prefeitura concordou em assinar um Termo de Ajuste de Conduta, comprometendo-se a construir banheiros na usina e melhorar a infraestrutura.

Outro grande susto que a Associação passou foi com o fechamento do lixão pela Cetesb. Há anos a prefeitura é notificada e multada por conta da situação irregular do lixão, mas nunca tomou providências. Com o ultimato, a Prefeitura se viu obrigada a fechar o lixão, deixando os(as) catadores(as) sem alternativa.

Repressão

Pressionada pela Cetesb, a Prefeitura de Ourinhos começou a culpar os(as) catadores(as) pelo fechamento do lixão. Usaram a imprensa da cidade para denegrir o trabalho da Associação. “Fomos pra frente da Prefeitura denunciar a imprensa e a população. Chegamos a ser levados até para a delegacia, mas chegando lá o delegado disse que era um problema político que a prefeitura que deveria



Coleta do lixão de Ourinhos.

resolver” declarou Matilde Ramos.

Depois das mobilizações, a Prefeitura se viu obrigada a dialogar com os(as) catadores(as), comprometendo-se a resolver a questão. “Nosso medo, no momento, é que a prefeitura ‘enrole’, não faça nada, e nós termos que parar nosso único trabalho, de 17 anos.”, finalizou a companheira Matilde.

Resultados

Hoje, a Prefeitura está realizando reuniões mais frequentes com os associados, embora os(as) catadores(as) reivindiquem ações efetivas para melhorar o trabalho. Algumas ações estão avançando e já deixam os(as) catadores(as) animados e satisfeitos com a luta travada até hoje. Já foi feita a licitação para a construção dos banheiros na usina, um segundo caminhão está sendo reformado para a Associação, além do compromisso firmado pela Prefeitura em pagar o INSS de todos os(as) catadores(as) até a contratação em 2010 e a promessa de um refeitório. A associação de Ourinhos também se tornará cooperativa nos próximos meses, facilitando a contratação pela prefeitura.

“Muitos cooperados saíram da associação com medo de fechar, mas voltaram e ficamos mais unidos com isso”, avaliou Matilde, que espera que em um ano e meio a coleta seletiva possa atender toda a cidade com os(as) catadores(as) recebendo pelo serviço de coleta. “Queremos com isso conseguir agregar os(as) catadores(as) de rua na cooperativa” finaliza.

O Movimento no Oeste Paulista

A luta dos(as) catadores(as) de Ourinhos esteve sempre amparada pelo apoio do Comitê Regional de Catadores do Oeste Paulista, instância do MNCR que participou das mobilizações, reuniões e audiências realizadas em defesa dos(as) catadores(as) de Ourinhos.

O Comitê do Oeste é um modelo em organização autogestionária dos(as) catadores(as). Mantém um fundo de arrecadação entre as bases do movimento que financia o transporte dos militantes pela região, acompanhando municípios que necessitam de apoio. Novas organizações estão sendo formadas na região e já existe a comercialização em rede.



Em Araraquara, os catadores recebem pelos serviços

Após a realização de uma manifestação em frente à Prefeitura de Araraquara, os(as) catadores(as) conquistaram subsídios para inclusão de outros(as) catadores(as) que trabalhavam no aterro sanitário. A Cooperativa Acácia já realizava coleta seletiva em 100% da cidade sem receber nada pelo trabalho. “Fazíamos a coleta nos bairros com apenas um caminhão e um peruá, mos-tramos que somos capazes e nada mais justo que cobrar pelos serviços que fazemos”, declara Helena Francisco da Silva, representante da Cooperativa Acácia.

Com a certeza do que queriam, os(as) catadores(as) de Araraquara entraram em contato com jornais, rádios e redes de TV, além de mobilizarem diversos apoiadores para lutar conjuntamente, para que a cooperativa fosse contratada e pudesse melhorar o serviço de coleta e as condições de trabalho. “A população apoiou nossa luta, por isso conseguimos



Manifestação dos catadores de Araraquara em frente a Prefeitura a contratação” comenta Helena.

Avanço

A cooperativa de Araraquara foi umas das primeiras a ser contratada com base na lei 11.445, Política Nacional de Saneamento, que dispensa as cooperativas de catadores de licitação. Hoje, ela recebe 82 mil reais do poder público para realizar a coleta e a triagem

do material em toda a cidade. O recurso possibilitou o investimento em uma prensa e ajudou na complementação dos recursos do BNDES para compra de um caminhão mais novo.

A Acácia tem hoje 150 cooperados que recebem uma média de R\$ 530,00 por mês, além de 4 pessoas contratadas pela cooperativas. Com a venda do material, a cooperativa paga o INSS de todos os cooperados e contratados, assim como os impostos, que ainda são muitos. Os cooperados conquistaram alguns benefícios, como a alimentação e uma parte dos transportes, que são pagos pela Prefeitura.

Dificuldades e desafios

Nem tudo são maravilhas em Araraquara. Com a venda do material, a cooperativa tem que repassar 20% do que arrecada para a autarquia municipal. A cooperativa coleta cerca de 250 toneladas de material por mês, essa taxa e os impostos retiram uma boa parte da renda dos(as) catadores(as). A Prefeitura não cumpriu com a promessa de dar uma contrapartida contratando os motoristas que tiveram de ser contratados pela cooperativa.

“Há muito ainda o que fazer, temos que ajustar nosso plano de trabalho, melhorar algumas coisas. Temos poucos carrinhos e temos que arrastar os bag’s para fazer a coleta. Existe ainda o preconceito da população que ofende as mulheres catadoras, que são todas negras, mas seguimos trabalhando, mostrando que podemos fazer um bom trabalho”, avalia Helena.

Comitê do Vale do Paraíba segue avançando

Os catadores da região do Vale do Paraíba já percebem diferenças, quando comparam a situação das cooperativas e associações dois anos antes de sua implementação e hoje, como Comitê Regional de catadores em plena atividade. Desde o encontro regional, realizado em maio de 2008, a Coordenação do MNCR vem articulando as bases do Vale em parceria com a Caixa Econômica Federal, dentro do projeto ODM (Objetivos do Milênio).

O primeiro passo para avançar na organização foi a reestruturação do Comitê Regional. “Hoje participam 12 cidades (16 organizações), temos reuniões todo o mês, além das reuniões extraordinárias, conseguimos unir os catadores”, afirma Roberval Prates, membro da coordenação Estadual do MNCR em São Paulo.

Segundo Roberval, está em implantação no Vale do Paraíba a comercialização em rede que tem o objetivo de melhorar os preços de venda

dos materiais e atingir a indústria através da união das organizações de catadores. “Oprimeiromaterial em comercialização é o vidro. Organizamos uma logística que divide a região em três pólos de coleta, a região de Guaratinguetá foi a primeira a comercializar o vidro”, destaca Roberval.

O MNCR também está aplicando um censo dos catadores da região e logo terá um perfil socioeconômico de suas

bases: “Com o Comitê conseguimos articular o apoio das Prefeituras ao trabalho dos catadores. A Prefeitura de Lorena já formalizou esse apoio. Em novembro teremos um encontro regional que reunirá 300 catadores da região”, diz Roberval. Segundo ele, ainda, o encontro terá a parceria da Caixa e da Prefeitura de São José dos Campos.



Reunião de representantes do vale do Paraíba

Situação das organizações do Vale				
N.º de Cidades	N.º de Cooperativas/Associações		Quantas Possuem CNPJ	
12	16		8	73%
Total de Cooperados	Quantidade de Homens		Quantidade de Mulheres	
364	130	36%	234	64%
Coleta				
Os Cooperados/associados coletam em:				
Lixão ou Aterro	Coleta Domiciliar		Coleta em empresas, comércio	
9%	73%		73%	
Coleta Seletiva da Prefeitura		Outras Formas de Coleta		
45%		36%		
Renda Média Mensal dos Catadores:			R\$	553,89 *

*Dados antes da crise econômica